

O Calhambeque

Tiragem inspirada na simbologia e
iconografia do arcano 7 do tarô de Marselha



Wesley Vidal da Luz



ÍNDICE

Introdução	3
Sobre o nome da tiragem	7
Origem	14
Indicações	16
Tempo	17
Preparo	20
Orientações para embaralhar	21
Disposição e significados das casas	24
Algumas chaves para a leitura	42
Estudo de casos	50
Na estrada	65
Referências e Caminhos	67
Quem sou eu	69

INTRODUÇÃO

Criar uma tiragem de tarot é de uma ousadia enorme, na minha mais humilde opinião. Ousadia e, paradoxalmente ou não, facilidade. Ousado porque é muito delicado definir um padrão verdadeiramente útil para responder perguntas ou esclarecer e orientar contextos sociais humanos na prática: é preciso conhecimento mínimo da natureza humana e vivência básica da vida: maturidade, em suma. E é fácil porque o tarot é um jogo, tem uma natureza lúdica e é cheio de imagens; e tem sido tratado por muitos automeados mestres e mestras como algo simples, que “basta olhar” para entender.

Mas a verdade é que montar uma tiragem que seja boa, útil e que possa ser reproduzida por outros cartomantes, é algo difícil, que requer habilidade e convivência com o baralho. Pela compreensão de tudo isso, foi que, ao longo dos meus anos de prática até aqui, sempre hesitei em criar uma tiragem.

Entretanto, ao longo da minha pesquisa sobre o arcano 7 para o Festival 22 Arcanos – Maiores Aulas de Tarot, eu busquei algo que pudesse trazer a energia do arcano para a prática do jogo.

Não encontrando algo assim na bibliografia existente e disponível; compreendendo o espírito do festival 22 Arcanos; e me sentindo, nesta parte da minha trajetória com o tarot, mais íntimo com o oráculo e sua arte e mais apto no entender da vida humana, resolvi criar a minha primeira tiragem. Assim fiz, e tenho testado e pensado sobre esse jogo desde então.

Apresentei o método pela primeira vez na aula sobre o arcano 7, no festival 22 Arcanos; mas as minhas pesquisas na prática dessa tiragem continuaram e minha percepção sobre a utilidade dela tem amadurecido e se refinado.

Por tudo isso, resolvi compartilhar esse método, com o objetivo de expor as minhas percepções e refinamentos sobre essa tiragem tanto para os alunos que estavam presentes no festival como também para o público em geral e, assim, também poder convocar outros profissionais e estudantes do tarot a usá-la e testá-la e, se possível, compartilhar comigo os feedbacks, opiniões e achados sobre esse jogo.

Se tem uma coisa que aprendi com o arcano 7, foi que é preciso dizer, e que dizer é mobilizar. É preciso “postar”, pôr na estrada, “pôr o bloco na rua”. Na teoria binária o Carro liga-se com o Papa, e mostra a necessidade de “levar a palavra ao mundo”. Esta também é uma das suas associações com a letra hebraica “zain” e de muitas das suas interpretações no meio esotérico e mágico.

Se a mobilidade (O Carro) deve estar a serviço da experiência e da organização do pensamento (O Papa) para promoção do conhecimento, então que aqui fique um testemunho dessa “missão”.

Como estudioso do tarot, como “arcano 7 incorporado” e como tarosófilo e cartomante respeitoso com o oráculo que carrego, me pus ao trabalho de montar uma tiragem que represente o arcano 7 em seus sentidos, sua imagem e sua função. Acho que construí um carango legal, capaz de ser usado a contento pelos/as/xs condutores/as/xs desse veículo que é o Tarô.

Wesley Vidal da Luz
São Paulo, março de 2026.

SOBRE O NOME DA TIRAGEM

Antes de tudo, a respeito do nome da tiragem: para além da associação óbvia com o arcano 7 enquanto “carro”, a tiragem “O Calhambeque” também faz referência às origens etimológicas (lendárias ou não) e usos da palavra “calhambeque” na língua portuguesa e, como diria a Profa. Lélia Gonzalez, no *Pretoguês*.

No meio musical brasileiro ouve-se sobre uma anedota atribuída ao maestro Tom Jobim, que contava que a palavra “calhambeque” viriia de um episódio com um circo americano, onde palhaços se apresentavam com um carro cênico que se desmontava em meio ao picadeiro.

O público adorou o número e, quando os palhaços se retiraram, passou a gritar “*call them back, call them back!*” (chame-os de volta, chame-os de volta!). A aproximação sonora de “call-them-back, call-them-back”, virou “calhambeque”. Estava plantada na memória coletiva nacional a referência ao carro caindo aos pedaços. Cito em primeiro lugar essa referência anedótica porque considero um grande exemplo da Linguagem dos Pássaros aplicada em contexto.

O Maestro resolveu explicar usando a linguagem que ele mais conhecia – o som e a imaginação. Bem ao estilo dos mestres antigos que falavam a chamada “Linguagem dos Gansinhos” (*langue des oisons*), expressão que, segundo o estudioso do tarô Jean-Claude Flornoy, em seu livro *Le Pèlerinage des bateleurs*, estaria na origem do que posteriormente se tornou conhecido no esoterismo ocidental como “Linguagem dos Pássaros”.

Essa linguagem operava através de jogos sonoros, duplos sentidos e associações fonéticas, produzindo sentidos imediatos a partir da própria materialidade da fala. Tratava-se inicialmente de uma fala imagética, espontânea e simbólica, baseada em ressonâncias entre as palavras. Com o tempo, essa tradição foi reinterpretada e elevada a um estatuto mais místico, passando a designar uma linguagem capaz de revelar sentidos ocultos ou espirituais.

Em ambos os casos, trata-se de uma compreensão da linguagem que ultrapassa seu uso literal, funcionando como meio de acesso a múltiplos níveis de sentido, seja pela via do jogo e da imaginação, seja pela via do símbolo e do mistério.

Para além disso, os dicionários da língua portuguesa trazem a palavra “calhambeque” como substantivo para pequena embarcação (velha ou não) costeira, bem como um “carro descuidado, velho”.

Também há registros da palavra originar-se da aglutinação linguística da expressão “carro cambembe”, que significaria “carro manco”, “carro capenga”. A palavra “cambembe” tem origem provável no latim “gamba” (perna), que por sua vez viria do grego “kampé”, que significaria “curvatura”.

Mas no Brasil essa palavra se transformou culturalmente, ganhando influência de diferentes idiomas africanos associados ao tronco linguístico bantu: cambembe viria de cambaio, cambado, ou seja, algo torto, capenga, frágil, manco.

No nordeste brasileiro, cambembe passou a designar também a figura do trabalhador assalariado ou ambulante, que andava com trouxas de roupas nas costas, em uma postura curvada/torta (oi, Sr. Louco!). Com o tempo, "cambembe" deu origem a cambão, termo ainda falado em muitas regiões do Nordeste (como no Cariri cearense, onde nasci e cresci), para designar alguém considerado feio, desajeitado, desalinhado.

No contexto rural de muitas regiões brasileiras, cambão também designa a madeira que une os bois atrelados ao carro-de-boi. Já no contexto automobilístico, cambão também é usado para designar o utensílio capaz de rebocar carros.

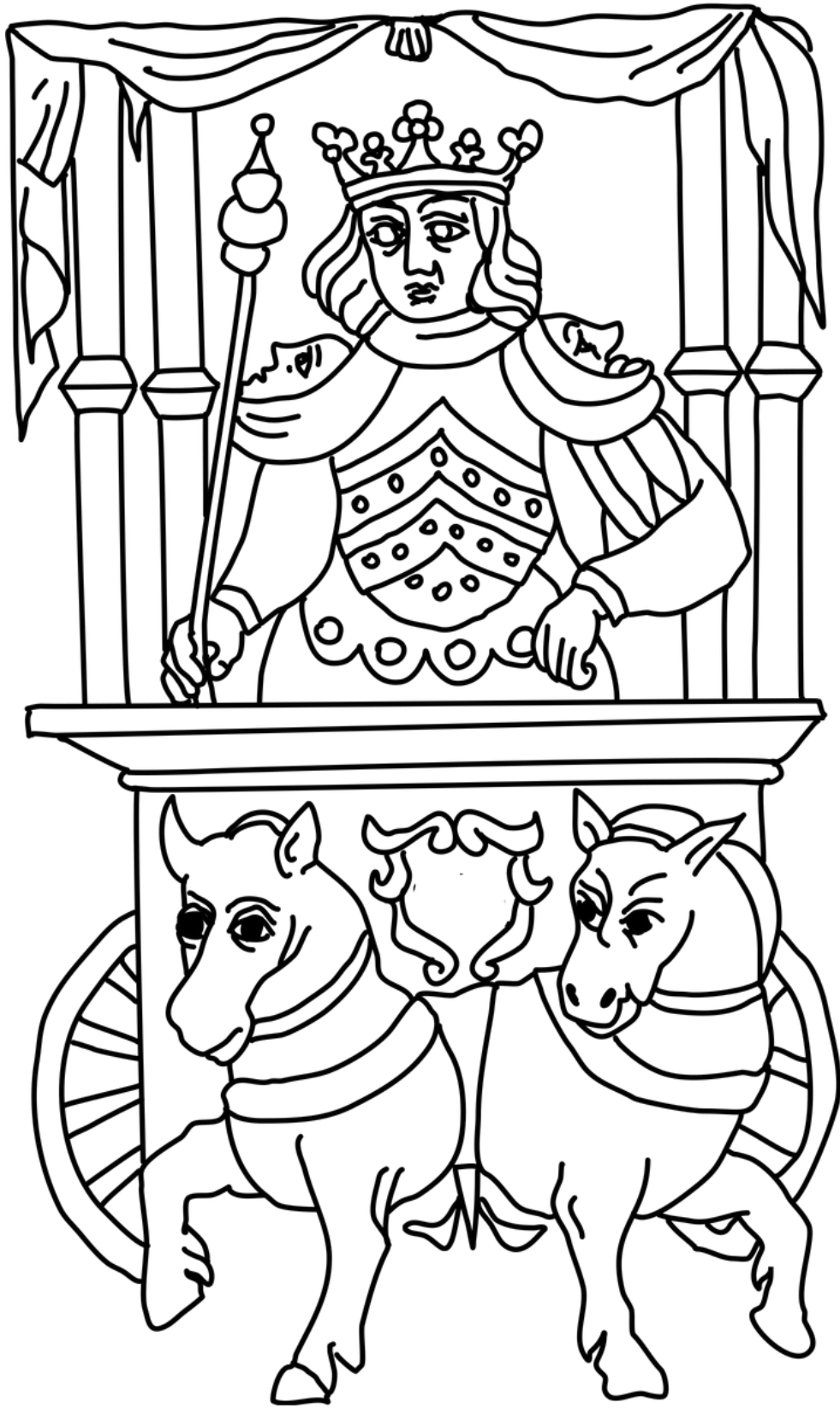
Para não deixar de citar: segundo alguns autores, "calhambeque" também poderia originar-se da onomatopeia "ca-lhã-beque", indicando o som de um carro velho funcionando.

Acredito que a palavra ganhou grande popularidade e maior capilaridade no “inconsciente coletivo nacional” com a famosa música "O Calhambeque", de Roberto Carlos, nos anos 1960, solidificando a imagem do calhambeque, mas, de certa forma, o ressignificando e o enaltecendo com o espírito juvenil característico do movimento musical da Jovem Guarda, e alçando o Calhambeque a um carro que “impressiona os brotos”. Por conta da música de Roberto Carlos, todos os carros produzidos entre 1920 e 1935 ficaram conhecidos como "calhambeque" (aqueles carros que geralmente vemos em novelas e filmes "de época").

Por todas essas associações – algumas lendárias ou incertas, outras mais prováveis e significativas do ponto de vista etimológico e (o que mais prezo) do ponto de escuta do som e de compreensão do significado popular adquirido -, eu batizei a tiragem de “O Calhambeque”.

Alguém que busca uma tiragem de tarot para orientação e melhor movimento no (ou com) seu Destino, pode ser visto como um calhambeque: um carro cambembe precisando de orientação e eixo, um barquinho no oceano verificando seu rumo, um cambão precisando de um “tapa no visu do destino”; alguém precisando de um “call them back”; ou precisando de um artefato que una seus dois animais no carro-de-boi da vida. O consulente busca, no mecânico chamado Tarot, orientação para consertar ou realinhar o calhambeque de seu Destino.

Feitas as homenagens, os esclarecimentos e as brincantes analogias simbólicas, demos partida no Calhambeque:



ORIGEM

Essa tiragem foi apresentada publicamente pela primeira vez no dia 24 de novembro de 2025, durante aula sobre o arcano 7 que eu ministrei no Festival 22 Arcanos - Maiores Aulas de Tarot, festival promovido pela Saturnália - Escola de Astrologia & Tarot. O Festival propôs que cada palestrante fosse um arcano falante, assumindo o ponto de vista do arcano. Foi desse exercício, me colocar no lugar do Carro, dos cavalos e do cocheiro, que nasceu a tiragem que proponho aqui.

A tiragem foi elaborada por mim como forma de promover uma prática em aula, mas trazendo a proposta de “incorporação do arcano” que o festival promovia e que acho muito interessante. Esse conceito de “incorporar” o arcano está, vocês verão, presente na sugestão de preparo e de disposição das cartas e do consulente em relação ao tarosófilo.

Encorajo fortemente a seguir essas recomendações, pois assim o tarot pode assumir uma experiência para além da bidimensionalidade das cartas, chamando tarosófilo e consulente a uma tomada de consciência maiores – este por se ver como o auriga embarcado no carro do próprio destino, e aquele por ver o jogo assumindo uma ‘corporeidade’ poucas vezes praticadas por cartomantes.

INDICAÇÕES

Esta é uma tiragem que indica como conduzir determinada situação, mostrando as habilidades, dificuldades e os diversos “vetores de força” que influenciam essa situação e com os quais o auriga-consulente tem de lidar.

Também é indicada para momentos em que o consulente percebe a necessidade de colocar algo em movimento, redirecionar caminhos ou compreender melhor a dinâmica de uma situação já em curso.

O Calhambeque analisa como a situação se move, por que ela se move e com quais recursos ela está sendo conduzida; como uma situação está se deslocando e para onde ela tende a chegar.

Esta tiragem auxilia o consulente a reconhecer seu papel dentro desse movimento, revelando não apenas as forças que atuam sobre a situação, mas também aquelas que estão sob seus próprios comandos.

TEMPO

A princípio essa tiragem foi feita para questões rápidas, que envolvessem fatos ou atitudes a desenrolar-se em no máximo sete dias. Essa foi uma escolha arbitrária e simbólica, pela posição 7 do Carro no tarot; e por uma necessidade pragmática de testar a tiragem (eu tinha dois meses para testá-la e precisava verificar sua funcionalidade em leituras reais). Parecia coerente que uma tiragem inspirada no sétimo Arcano observasse um percurso breve, suficiente para que o carro completasse um pequeno trajeto e o horizonte pudesse ser observado.

Entretanto, agora, ao escrever essas linhas e passados quase cinco meses que a criei, continuo testando-a e percebo que ela também serve para períodos maiores, funcionando, inclusive, sem perguntas, como uma tiragem rápida para análise geral do momento do consulente. Esta última percepção carecerá de maiores testes e vivenciações para se saber da utilidade em leituras gerais.

Mas o que tenho percebido é que essa tiragem e suas casas possuem um potencial simbólico mais amplo, capaz de explorar, por exemplo, contextos de saúde física do consulente, com a análise da casa 1 (e como o consulente pode lidar com sua saúde, por exemplo). Essa possibilidade de ampliação também acontece quando se considera que O Calhambeque pode transitar por muitas estradas de muitas formas: são infinitas as situações que podem permitir – ou exigir – que o consulente assuma a posição de comando, dirigindo a consciência de ser um agente atuante no mundo ou em um determinado contexto da sua vida.

E está aqui um dos simbolismos que me fizeram pensar mais a respeito do potencial dessa tiragem: a noção (cujas origens remontam a Platão, em Fedro) de que O Carro representa a Alma conduzindo as forças da encarnação.

Essa noção sempre me fez olhar o arcano como uma alegoria da experiência encarnada.

O carro seria o corpo, o veículo através do qual a Alma atravessa o mundo; os cavalos seriam as forças que o movem; e o auriga seria a consciência, responsável por coordenar tudo aquilo que foi colocado em movimento. Justamente por ocupar a posição de comando, o Auriga é enaltecido por isso, mas também cobrado à responsabilidade da condução adequada (cobrança esta que será ainda mais concretizada no arcano 8, a Justiça, dentro de um possível processo de desenvolvimento sequencial dos Arcanos Maiores).

PREPARO



A maneira de embaralhar, escolher e dispor as cartas chamará o consulente para uma posição de comandante, auriga de si, em parceria e com permissão do seu Ori.

Se o atendimento for presencial, o consulente sentar-se-á ao lado do tarosófilo. A tiragem proporá que o tarosófilo seja o copiloto do consulente-auriga, que o auxiliará no percurso da estrada dada pela questão. Se o encontro for online, o tarosófilo assumirá a posição do auriga/consulente na hora de determinar as cartas (e um cuidado extra deverá ser tomado pelo tarosófilo para que ele/a/x não projete suas próprias questões e momentos no jogo que se montará).

ORIENTAÇÕES PARA EMBARALHAR

Use os 22 arcanos maiores. Embaralhe-os e solicite ao consulente que, quando desejar que o tarosófilo pare, que o diga em voz alta. Ao sinal de pare do consulente, o tarosófilo pára de embaralhar e pede que o consulente retire a primeira carta do monte: esta será a carta número 1 – o Auriga. Retirada essa carta, o tarosófilo volta a embaralhar, põe o maço na mesa e solicita que o consulente corte em dois o baralho.

Cada um desses dois “montes” do baralho cortado corresponderá a o lado esquerdo e o direito do consulente, e esses dois montes separados ficarão, respectivamente, em frente à mão esquerda e à mão direita do consulente.

Aqui o carro abriu-se para o Auriga: da pilha da esquerda (e com a mão esquerda) ele retira a carta 2; e da pilha da direita (e com a mão direita) ele retira a carta 3; da esquerda (com a mão esquerda) a carta 4; da direita (com a mão direita) a carta 5; da esquerda a carta 6 e da direita a carta 7.

É importante retirar na ordem usando as duas mãos (com a mão esquerda retira as cartas da pilha esquerda, com a direita retira da pilha da direita) exercitando a lateralidade do consulente – algo que já o despertará mais e o deixará mais atento.

Ao terminar, o tarosófilo junta as duas pilhas e volta a embaralhar até considerar suficiente. Ao parar, retira a última carta do maço: esta será a carta 8, a Âncora.

Atente para a diferença: para sortear a carta 8, o consulente não determina o momento da parada, como fez na carta 1, nem manipula o maço ou os dois montes, como fez na seleção das cartas 2 a 7. Desta vez, quem decide quando parar de embaralhar e quem retira a última carta do maço é o próprio tarosófilo.

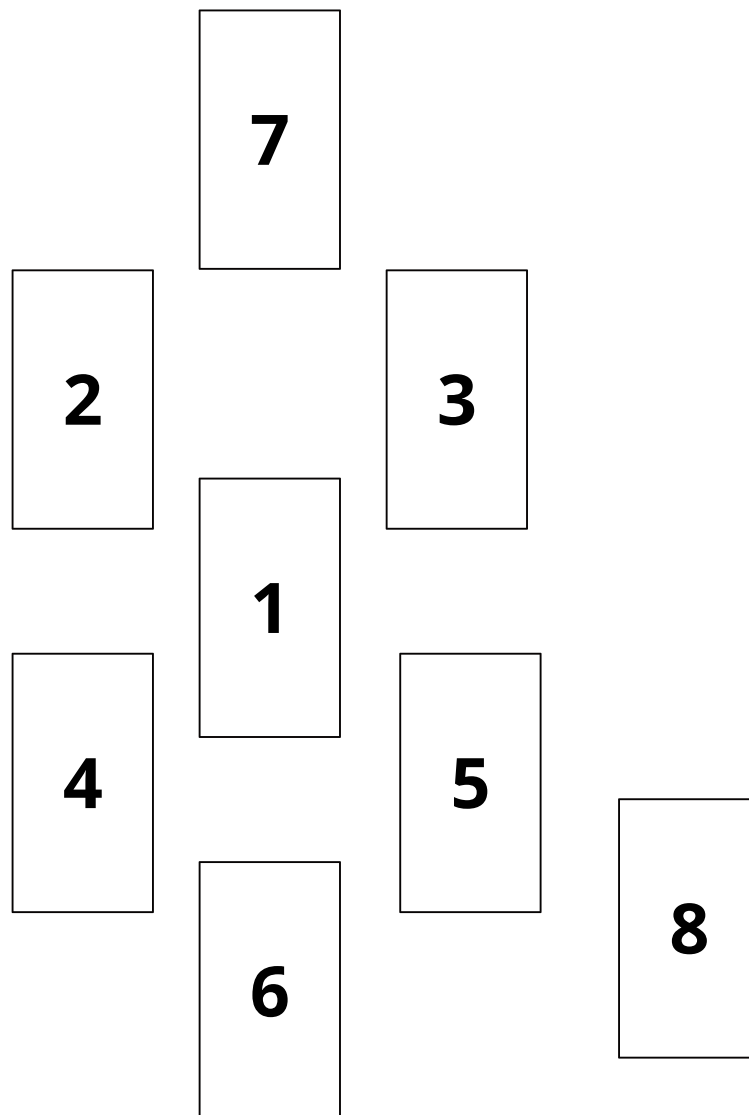
É papel do copiloto selecionar a força (o vetor) ou ferramenta que servirá de âncora, balizador e temperador de todo o comportamento da estrada.

Com o jogo montado, recomenda-se que o tarosófilo fale e mostre para o consulente a disposição das cartas, dizendo que ali está o carro – e que o motorista (o consulente) é aquela figura central do jogo. O tarosófilo convida então o consulente a analisar aquele carro e ver como ele está andando e como pode ser conduzido.

Tudo isso pode parecer complicado lendo, mas com um pouco de prática a ação fica fluida, simples - algo que todo cartomante mais experiente percebe sobre qualquer tiragem. É como dirigir um carro: no começo a gente fica nervoso e precisa “pensar” em cada ação que executa, mas com o tempo tudo fica quase que no automático e não se pensa para “trocar a marcha ou ligar a seta”, tudo fica mais “automático”.

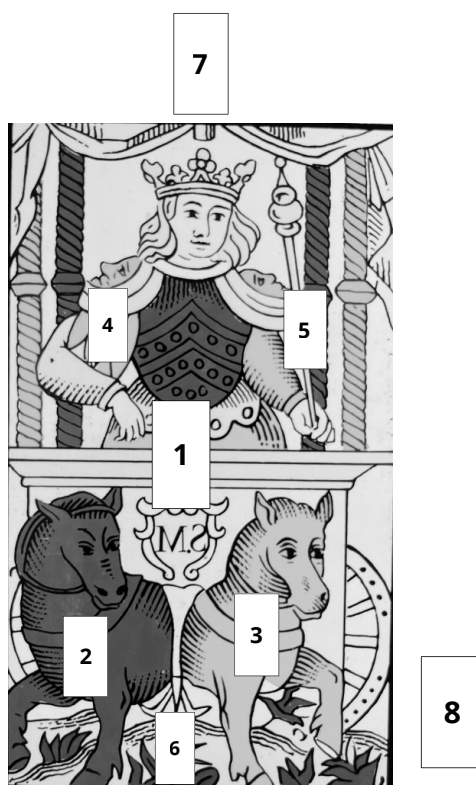
DISPOSIÇÃO E SIGNIFICADOS DAS CASAS

Antes de tudo, repare no layout da tiragem: ele pretende emular a estrutura do Arcano 7 olhando para frente, como você está olhando a frente, como se o arcano estivesse a seu lado.



Assim, vemos o Auriga no centro (casa 1), os cavalos à frente (casas 2 & 3), os braços do Auriga (casas 4 & 5), o chão pelo qual o Carro passa (casa 6) e o horizonte que o Auriga enxergará/prospectará/buscará (casa 7). A casa 8, a âncora, pode ser vista como um “freio de mão”, um estepe ou qualquer outro instrumento “acessório” que favoreça e balize a condução do Carro.

A seguir, apresento o esquema da página anterior sobreposto a uma imagem lateralmente invertida do arcano, para que ele apareça olhando na mesma direção que o leitor/a/x.

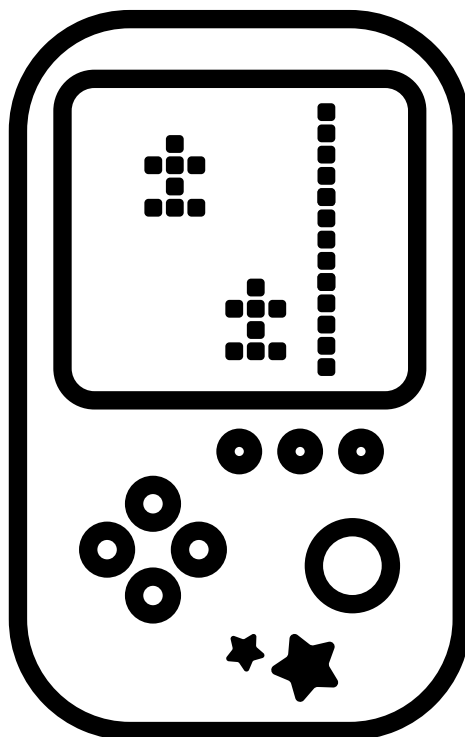


O esquema da tiragem é uma convenção bidimensional. A sobreposição ao arcano, por sua vez, procura recuperar a profundidade da cena. Por isso, as posições dos cavalos parecem inverter-se verticalmente. Na verdade, elas não mudaram de lugar: passaram apenas a ser vistas em perspectiva.

Chamo a sua atenção novamente, leitor/a/x, para o fato da tiragem emular o arcano olhando à frente, como se estivesse ao seu lado, e não de frente para você.

Esse layout foi pensado para promover a “incorporação” do arcano, colocando tarosófilo e consulente ambos olhando para frente, como tem que ser a energia do sétimo arcano: olhando à frente, como um bom condutor de qualquer veículo: olhando os sinais, as placas, curvas e relevos do caminho e, assim, tomando previamente as atitudes e exercendo mais conscientemente os comandos adequados para condução do veículo pela via.

Não posso deixar de citar que o layout também foi pensado para homenagear aqueles famosos minigames portáteis dos anos 1990 (os “Brick Game”), que propunham jogos simples em uma interface de “blocos”. Eu adorava o jogo de corrida no Bricks Games, onde, conduzindo um carro, o jogador precisava desviar dos outros carrinhos. Eis minha homenagem a um dos meus primeiros jogos e entretenimentos digitais na infância.



Casa 1: o Auriga



Aqui vemos o consulente, seu corpo físico, sua saúde e seu estar no mundo. É a pessoa que conduzirá o carro na estrada/contexto do momento ou da questão.

Mais do que representar simplesmente o consulente, esta casa representa o Auriga: o centro de coordenação de todas as forças presentes na tiragem. É nele que se encontram os impulsos dos cavalos, os recursos das mãos, os desafios do caminho e os objetivos do horizonte.

A carta nesta posição mostra como o consulente está situado diante da própria vida e da questão apresentada. Revela sua postura, seu grau de presença, consciência e capacidade de condução frente às circunstâncias que o cercam.

Em outras palavras, esta casa mostra quem está ao volante.

Casa 2: o Cavalo Esquerdo



As forças emocionais, intuitivas e subjetivas que impulsionam o consulente. Em outras palavras, aquilo que o move emocionalmente e coloca seu carro em movimento.

Esta casa representa a tração emocional do auriga. Aqui observamos sentimentos, memórias, experiências e situações que exercem influência sobre ele, empurrando-o em determinada direção.

Por representar o cavalo esquerdo, esta casa também fala do passado e das circunstâncias que trouxeram o consulente até o momento presente. Mostra aquilo que o impulsiona emocionalmente, mesmo quando ele não percebe.

Questões, pessoas ou situações representadas nesta casa costumam exigir uma condução mais receptiva, sensível e intuitiva por parte do motorista.

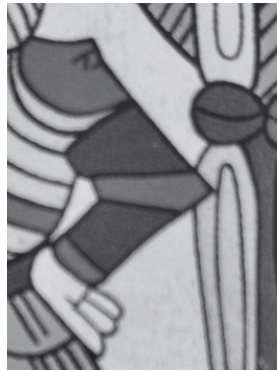
Casa 3: O Cavalo Direito



As forças racionais, conscientes e deliberadas que impulsionam o consulente. Tudo aquilo que exige do consulente atenção, intenção, escolha e direcionamento consciente. Também a força do futuro, que traciona o consulente e o mobiliza a continuar, a “não desistir”. Aqui podemos ver objetivos do consulente, desejos futuros, aquilo que a pessoa anseia e que a faz prosseguir. Esta casa fala da tração racional do auriga: aquilo que o atrai, mobiliza e conduz conscientemente em direção ao futuro.

Aqui também vemos a conexão de contextos: são acontecimentos ou forças representados nessa casa que "tracionarão" o consulente à frente e levarão aos acontecimentos simbolizados na casa 7 (O Horizonte).

Casa 4: A Mão Esquerda (a mão da pose)



O que apoia o consulente. Repare que a mão esquerda do auriga, no desenho do arcano, está ou apoiada na cintura, em um gesto de “posar”, de montar uma “pose”, ou podemos vê-la como livre para apoiar no balcão do carro – ou mesmo para segurar as supostas rédeas.

Aqui se analisa a capacidade e as ferramentas que o consulente/motorista possui para praticar dinâmicas que exijam maior sensibilidade, suavidade e emoção por parte dele. Em outras palavras, esta casa fala dos recursos emocionais do auriga, com o que ele conta emocionalmente para dirigir a própria vida. Aqui também se vê a vaidade e autoestima do motorista, seus apegos, seu ego, sua parte que quer “posar pra foto”. Habilidades e talentos natos do auriga. Pode indicar o “trunfo na manga” com o qual o consulente pode dispor.

Casa 5: A Mão Direita (a mão do cetro)



Como conduzir dinâmicas com vigor e firmeza. As habilidades lógicas, racionais e de comando do auriga. As ferramentas e capacidades que dispõe para atuar diretamente sobre a realidade e interferir concretamente no curso dos acontecimentos.

Esta casa fala dos recursos racionais do auriga: com o que ele conta para agir, decidir, liderar, construir, organizar e conduzir sua própria vida. Aqui observamos sua autonomia, sua capacidade de iniciativa, seu poder de realização e aquilo que consegue mobilizar por vontade própria.

Se a mão esquerda representa os recursos emocionais e afetivos do motorista, a mão direita representa seus recursos práticos, executivos e estratégicos. É a parte do auriga que age deliberadamente, que toma decisões, estabelece prioridades e busca imprimir sua vontade sobre o mundo.

Pode indicar posições de autoridade, prestígio, reconhecimento, influência ou responsabilidades assumidas pelo consulente. Mostra aquilo que ele é capaz de realizar quando assume conscientemente o comando da própria trajetória.

Vale notarmos que a diferença entre o controle proporcionado pelas mãos esquerda e direita diferencia-se pelo lado direito ser mais direto e declarado, exercido com maior autonomia, enquanto o esquerdo é mais suave e exercido dentro de determinadas condições. A mão esquerda conduz pela sensibilidade, pela adaptação e pela escuta; já a mão direita conduz pela decisão, pela ação e pela intervenção direta.

Assim, esta casa mostra não apenas o que o auriga sabe, mas principalmente aquilo que ele consegue fazer com o que sabe.

Uma imagem que pode ajudar o tarosófilo a pensar sobre essa ambidestralidade do auriga e suas diferentes ações, é pensar nele como um cocheiro de rédeas na mão esquerda e chicote ou vara na mão direita, como no arcano “La Carrozza”, do tarot Piemontês, do final do século XIX, mostrado abaixo. As rédeas são formas de controle do carro que possuem um limite de ação mais “restrito” ao conjunto como um todo – com elas o auriga controla o ritmo dos cavalos e, conseqüentemente, do carro.

Mas esse controle depende de comandos suaves, pequenos ajustes e, a depender do caminho, pode ficar quase “no automático”, como quando os cavalos ficam em um trote contínuo. É um controle mais suave porque é atrelado a toda a estrutura do carro/cavalos (se considerarmos os cavalos como partes indissociáveis do “chassi” do carro).

Já o chicote, a vara ou o cetro podem ser vistos como um símbolo de controle para além da estrutura física ou o conjunto do Carro, atuando mais diretamente no que podemos pensar como “o mundo exterior”., de forma mais pontual, “dramática”, direta, intempestiva e impositiva. Repare: ambas as forças são impositivas, mas as rédeas são mais “constantes” e “disfarçadas” porque “diluídas no todo”; enquanto o chicote ou a vara é mais pontual e direta.



Tarocco Piemontesi
Francesco Strambo
Varallo, final do séc. XIX

Casa 6: O Caminho



O contexto da questão. O terreno pelo qual o auriga e seu carro estão transitando. Aqui observamos as circunstâncias, condições e dinâmicas que cercam a situação apresentada e que influenciarão diretamente a forma como o consulente avançará.

Esta casa não representa apenas o cenário atual, mas também o tipo de estrada que se apresenta adiante. Um mesmo auriga, conduzindo o mesmo carro, produzirá resultados diferentes dependendo do terreno que percorre. Por isso, esta posição deve ser compreendida como aquilo que favorece, dificulta, acelera, retarda, exige ou transforma o deslocamento.

Em muitas leituras, esta casa revelará processos já em curso, situações que não dependem exclusivamente da vontade do consulente, mas que precisam ser consideradas e atravessadas. Mostra o ambiente onde a ação acontece, as regras do jogo, os obstáculos, as facilidades e os desafios inerentes ao caminho.

É necessária uma leitura cuidadosa entre esta casa e a Casa 7 (O Horizonte), pois o horizonte não surge de forma independente: é este caminho que conduzirá o auriga até lá. Assim, compreender a natureza da estrada é fundamental para compreender os desdobramentos da viagem.

Casa 7: O Horizonte



Para onde a carruagem ruma. Para onde o auriga olha, encarando sem fuga. O horizonte da questão.

Esta casa representa a direção para a qual o carro está sendo conduzido. Mostra os possíveis desdobramentos da situação atual, os acontecimentos que tendem a surgir caso o caminho percorrido permaneça o mesmo. Aqui observamos aquilo que se apresenta adiante, visível ou ainda distante, mas já presente no campo de visão do auriga.

É nesta posição que analisamos o futuro da questão, seus resultados mais prováveis e os cenários para os quais as forças do jogo apontam. Contudo, o horizonte não deve ser analisado isoladamente. O que se vê adiante depende diretamente do caminho percorrido, tornando fundamental a leitura conjunta entre esta casa e a Casa 6 (O Caminho).

Também podemos compreender esta posição como o objetivo, a meta ou o ponto de chegada simbólico para o qual o consulente está sendo conduzido. Em determinadas leituras, esta casa revelará não apenas aquilo que acontecerá, mas aquilo que está chamando, atraindo ou organizando os movimentos do auriga.

É com a carta desta casa que realizaremos as previsões mais diretas da tiragem, mas sempre lembrando que todo horizonte depende da estrada que o conduz até ele.

Casa 8: A âncora



O que dá firmeza e estabilidade ao auriga. A carta nesta casa deve balizar todas as outras cartas do jogo, principalmente as cartas nas casas 1, 4 e 5, ligadas diretamente ao auriga e aos seus comandos/formas de ação (a mão esquerda e a mão direita).

A Âncora representa aquilo que mantém o carro coeso em meio às diversas forças que atuam sobre ele. Enquanto os cavalos impulsionam, as mãos conduzem, o caminho desafia e o horizonte atrai, a Âncora oferece um eixo de estabilidade para a viagem. É aquilo que impede o auriga de perder-se de si mesmo durante o percurso.

A carta nesta posição deve ser lida como um aconselhamento frente aos desafios representados pelas demais cartas, mas também como um princípio orientador da leitura. Ela mostra a atitude, qualidade, recurso, postura ou compreensão capaz de oferecer maior equilíbrio ao consulente diante da questão apresentada.

Em muitos casos, a Âncora revelará aquilo em que o auriga deve confiar. Em outros, aquilo que precisa cultivar. Em outros ainda, mostrará aquilo que já possui e que pode servir como base segura para atravessar o caminho representado pela tiragem.

Por esta razão, a Casa 8 deve dialogar com todas as demais posições do jogo. Ela não descreve apenas um acontecimento, mas uma forma de sustentar a viagem. É o ponto de estabilidade a partir do qual o auriga pode conduzir seu carro rumo ao horizonte de maneira mais segura, consciente e eficiente.

ALGUMAS CHAVES PARA LEITURA

Além de lermos cada casa em separado, algo importante para reconhecermos cada “peça” que compõe o motor da situação ou pergunta, devemos também, como em toda boa análise de tarot, analisar casas em conjunto, arcanos uns com os outros. Para tanto, disponho a seguir algumas possibilidades.

As Colunas Esquerda e Direitas:

As cartas 2 e 4 podem ser visualizadas como uma coluna ou eixo, à esquerda; assim como as cartas 3 e 5 outro eixo ou coluna, à direita. Cada coluna reforça e integra os significados atribuídos a cada uma das “peças” que a compõem, ou seja, um dos cavalos que puxam o carro e uma das mãos do auriga. À esquerda, veremos como ocorre a condução sutil e emocional do auriga; enquanto a coluna da direita sinalizará como se dará a execução das ações práticas e objetivas.

Essa análise em colunas pode auxiliar a esclarecer cada peça em individual. Essas colunas são o eixo em torno do qual giram os temas ou fatos que levarão o auriga avante.

Também é muito rico e interessante analisarmos a disposição em diagonal ou em “X” entre as casas 2, 1, 5 (ou 5,1, 2); e entre as casas 4, 1, 3 (ou 3, 1, 4), para analisarmos como o auriga-consulente pode coordenar habilidades e ferramentas que possui, maximizando processos de autoconhecimento, autotransformação e de tomadas de atitudes mais acertadas, fluidas e flexíveis. Nesses eixos se mostram as possibilidades de articulação entre os recursos do consulente-auriga, revelando caminhos de adaptação, criatividade e coordenação entre as diferentes forças presentes no jogo.

AS DIAGONAIS

onde a coordenação acontece:

Também é muito rico e interessante analisarmos a disposição em diagonal ou em “X” entre as casas 2, 1, 5 (ou 5,1, 2); e entre as casas 4, 1, 3 (ou 3, 1, 4), para analisarmos como o auriga-consulente pode coordenar habilidades e ferramentas que possui, maximizando processos de autoconhecimento, autotransformação e de tomadas de atitudes mais acertadas, fluidas e flexíveis. Nesses eixos se mostram as possibilidades de articulação entre os recursos do consulente-auriga, revelando caminhos de adaptação, criatividade e coordenação entre as diferentes forças presentes no jogo.

A diagonal formada pelas casas 2, 1 e 5 conecta o cavalo esquerdo, o auriga e a mão direita. Nela observamos como o consulente pode transformar impulsos, emoções, acontecimentos passados ou forças já colocadas em movimento em ações concretas sobre a realidade.

Esta diagonal pode indicar o que o auriga pode fazer com aquilo que o move, ou como transformar o que sente em uma ação eficaz. Em determinados jogos, especialmente quando a casa 2 fizer referência a acontecimentos pretéritos, também podemos inferir sobre o que o auriga pode fazer com aquilo que lhe aconteceu.

Essa diagonal fala da capacidade do auriga de converter experiência em atitude, emoção em decisão, impulso em realização. É um eixo de transformação e execução.

Já a diagonal formada pelas casas 3, 1 e 4 conecta o cavalo direito, o auriga e a mão esquerda. Aqui observamos como os objetivos, desejos, aspirações ou forças futuras dialogam com a realidade emocional do consulente.

Nesta diagonal, veremos como o auriga-consulente sustenta emocionalmente aquilo que deseja; ou como o auriga articula os recursos emocionais que possui para obtenção dos objetivos que persegue.

Muitas vezes desejamos algo, mas ainda não desenvolvemos os recursos internos necessários para habitar aquilo que buscamos. Esta diagonal permite observar justamente essa relação entre desejo e sustentação emocional.

Se a primeira diagonal fala da transformação do impulso em ação, a segunda fala da transformação do desejo em caminho possível.

Tomadas em conjunto, ambas as diagonais revelam como o auriga coordena suas forças internas, seus recursos e seus objetivos. São eixos de integração, capazes de mostrar não apenas para onde o carro se move, mas como o consulente pode participar ativamente dessa movimentação.

Os Cavalos:



É importante vermos os cavalos como um conjunto só, apesar de analisarmos eles também em separado (inclusive podendo analisá-los como passado e futuro, ou seja, opostos); mas pensando que O Carro se locomove pra frente, que o contexto da pergunta avançará à revelia, já que essa é a noção simbólica dos cavalos – forças selvagens que estão sob o domínio do auriga - os cavalos serão o motor de tudo, e devem ser analisados em conjunto, com as cartas que estiverem nessa posição balizando uma à outra. Essa análise promoverá uma maior consciência sobre o que traciona e influencia mais fortemente o consulente-auriga.

As mãos:



O conjunto das casas 4 e 5 são as mãos do consulente-auriga, e devem também ser analisadas juntas, observando como as forças representadas nas cartas dialogam para melhor lidar e conduzir o que foi posto em movimento. Assim como na vida o corpo humano precisa ter coordenação motora entre os lados direito e esquerdo para um bom desempenho biomecânico, o consulente-auriga, para conduzir a contento o carro da sua vida/situação, precisará ter *jogo de cintura escapular*¹⁰ para lidar com o que tem e com o que pode em cada uma das suas mãos.

10: Cintura Escapular: é um conceito e uma estrutura anatômica do corpo humano, definido nos estudos da Anatomia, Biomecânica e da Cinesiologia Humanas. Essa cintura é composta pelas escápulas e as clavículas, e permite a conexão dos membros superiores (mãos, antebraços e braços) com o tronco, permitindo, assim, toda a mobilidade e alcance da articulação do ombro. A cintura escapular é a base de qualquer movimento com os braços.

E aqui acho que vale uma consideração: os braços são os únicos membros do corpo do auriga que possuem poder de ação direta, já que suas pernas são seus cavalos e o próprio veículo.

Então analisar como está a cintura escapular do auriga frente ao seu destino, ou seja, analisar como ele pode atuar, manipular, alcançar, lançar mão, agarrar – e tantas outras analogias possíveis com os membros superiores - na estrada do seu destino.

Essas chaves de leitura não são regras obrigatórias. São caminhos de observação que podem auxiliar o leitor a aprofundar sua compreensão do jogo. Como toda boa leitura de tarot, a interpretação final nascerá do diálogo entre as cartas, da pergunta formulada e da experiência do leitor diante das imagens.

ESTUDO DE CASOS

CASO 1

16/09/2025

Consulente: uma mulher de 33 anos, massoterapeuta, trabalha há mais de 20 anos em sua clínica de massoterapia. Foi convidada por um instituto renomado na área para dar uma aula pontual em um curso. Está indecisa se aceita ou não, e precisará dar a resposta em no máximo uma semana.



Percebe-se a consulente confusa e indecisa quanto à questão (A Lua na casa 1). Ela dispõe de habilidades empíricas, de vivências muito importantes, que a trouxeram até este momento e a colocaram em evidência para ser convidada (O Carro na casa 2, simbolizado o que a trouxe até aqui).

O contexto da situação a chama, a convida para uma atividade nova, à luz da razão e em colaboração com outrem (O Sol na casa 3, simbolizado o que a “traciona” à frente). Aqui é interessante notarmos um bom testemunho sobre o convite que ela recebeu: alguém a chama para iluminar e contribuir com sua razão, ao que ela – simbolizada pela Lua - hesita por achar que possui “apenas” bagagem empírica e prática e não exatamente uma formação docente; é uma dinâmica muito clara entre os arcanos da casa 1 e 3. Já entre a casa 1 e 2, vemos algo que a consulente ainda não percebeu: ela tem bagagem, tem posição e autoridade suficiente para receber esse convite.

O carro na casa 2 mostra que ela é vista pelos seus pares profissionais como alguém capaz – e por isso “seu carro chegou até aqui”, pela capacidade técnica que ela possui. Quando analisamos a casa 4 e vemos A Justiça, percebemos que ela está sendo dura demais consigo mesma, percebendo algo que deveria ser mais tranquilo e suave como algo muito rígido, definitivo e definidor.

Analisando a coluna esquerda (A Justiça e a O Carro juntos), percebemos que ela dispõe de ferramentas para controlar seu calhambeque, é alguém que dispõe de racionalidade e conhecimento técnico e teórico o suficiente para ministrar uma aula.

A Justiça fala que ela pode conduzir esse contexto de maneira fria, ou mesmo “emocionada”, usando sua bagagem teórico-prática e, mais que isso, usando suas habilidades de estudo e organização para se preparar para a aula.

Quando analisamos a casa 3 também percebemos que o que motiva a consulente é essa parceria, é o exercício dessa razão, é uma vontade de partilhar e de ser vista - essa leitura percebemos quando também analisamos os Cavalos do Carro, as casas 2 e 3, e percebemos que os Cavalos querem luz, querem contextos de exposição e visibilidade: o que traciona a consulente e a move nesse instante é um desejo de visibilidade.

Analisando a casa 5, vemos A Estrela, e percebemos a insegurança da consulente quanto às suas habilidades práticas, sua ação no mundo. Talvez ela ache que estará em uma situação vulnerável? Ela confirma. A última vez que falou em público foi em um seminário na conclusão do curso de massoterapia, há vinte anos atrás. Entretanto, quando analisamos a coluna direita e vemos A Estrela à luz do arcano O Sol, vemos que o contexto em si não contará com grandes ameaças ou desafios.

Também quando analisamos “As Mãos” da auriga-consulente (casa 4 e 5), vemos que ela possui um grande respaldo quanto à prática (Justiça na casa 4), que pode apoiar o bom desempenho de suas habilidades mais racionais e que, no contexto do jogo e da questão, é o que indica mais insegurança e vulnerabilidade (Estrela na Casa 5).

Podemos nesse instante, se ainda não o fizemos, olhar para a casa 8, a âncora, e perceber que o conselho do arcano XIII é ser rápida, pensar menos, simplesmente fazer – recorrendo, inclusive, ao espírito prático e pragmático da profissional que ela construiu ao longo desses 20 anos. A Casa 6 traz o arcano A Força, mostrando que o caminho é estável, mexe com desejos da consulente (algo corroborado pela análise dos Cavalos) e pode ser encarado como algo prático e “manual” e não somente racional (como a consulente chegou pressupondo e já amedrontada por isso, já que não desempenha algo assim desde o curso de formação).

Agora chegamos à casa 7, ocupada neste jogo pelo arcano A Torre. O Caminho leva à ruína? Seria uma leitura possível, mas pelo contexto dado, não leríamos em uma primeira -0 ou segunda ou terceira – camada, uma eminente ruína ou catástrofe em uma aula. Li este arcano nesse jogo como um incômodo e uma ansiedade até o momento da aula: como a consulente não falava em público há muito tempo, podemos perceber esse arcano como uma ansiedade pelo momento, um medo irracional do momento.

Também podemos lê-lo como imprevisto do momento, forças externas que vão para além do consulente, e por isso preveni a auriga que atentasse para os detalhes do dia da como mídias, projeto etc., que podiam não funcionar no momento da apresentação.

Preveni a auriga de uma ansiedade que a podia acometer desde o momento de aceitação do convite até a data da apresentação. Mas, novamente olhando para a casa 8, a âncora do jogo dizia para seguir, ir em frente apesar, ou diante, da dor e do caos: abrir a boca das feras, como o caminho do momento propõe, exige que se enfrente o rugido, os dentes e o bafo – os efeitos colaterais – do ato de aproximar-se da e lidar com a fera.

Aqui faço uma pausa na explicação para chamar a atenção do/a/x leitor/a/x para como a tiragem vai se expandindo e nós vamos vendo as beiras alçarem novas delimitações, e começarmos a perceber que podemos saber da consulente e seu contexto para além da pergunta-base. Claro que essa é uma “sensação” comum em muitas, se não todas, as tiragens, algo que muitas vezes devemos evitar para não cairmos em interpretações errôneas ou extrapolações simbólicas tanto das casas quanto dos arcanos.

Entretanto, aqui considero que essa “expansão de limite” pode acontecer com uma margem de segurança: primeiro pela proposta performática da tiragem, com o chamado ao consulente para encarnar o auriga do próprio destino; e em segundo lugar pela abrangência de simbologia das casas, apontando para parâmetros como “o caminho pelo qual o consulente está passando”; as “ferramentas que ela/a/x dispõem para atuar nesse caminho”; “o que traciona o consulente e o carro da sua questão”, representado pelos Cavalos.

Então vemos uma possibilidade ampla de significação e simbologia para ampliarmos a interpretação para além da pergunta-base, se assim interessar.

Também vemos nessa abrangência um indicativo de utilização possível para consultas que não dependam de perguntas específicas.

ESTUDO DE CASOS

CASO 2

02/02/2026

Consulente: um homem de 30 anos, trabalha com administração. Está em um momento delicado profissionalmente. Acabou de sair de um trabalho que vem desenvolvendo há quase 10 anos, mas que não lhe preenchia. Quer saber que atitude tomar diante desse momento.



O consulente encontra-se, de fato, ao final de um ciclo importante. Após quase dez anos dedicados a uma atividade profissional que já não lhe oferecia satisfação ou sentido, decidiu encerrar esse percurso e agora se vê diante da necessidade de definir novos rumos.

Na Casa 1, o Auriga é representado pelo Mundo. Essa carta sugere alguém que concluiu uma etapa de forma legítima, tendo realizado o que lhe cabia dentro daquele contexto. O consulente não aparece aqui como alguém perdido ou despreparado, mas como alguém experiente, que já percorreu uma longa estrada e acumulou aprendizados significativos. Há uma percepção íntima de que a decisão tomada foi correta, ainda que seus desdobramentos ainda gerem insegurança.

O terreno pelo qual o Calhambeque trafega é representado pela Morte, na Casa 6. Isso indica que o contexto atual é, por natureza, um contexto de transformação. Não se trata apenas de uma mudança externa, mas de um período em que antigas estruturas precisam ser abandonadas para que outras possam surgir. O próprio caminho exige desapego, encerramentos e reconfigurações. É um terreno instável, porém fértil para renovações.

Os cavalos, motor simbólico da tiragem, revelam uma dinâmica particularmente interessante. À esquerda, na Casa 2, encontra-se a Lua, representando as forças emocionais e o passado que empurram o consulente. Vemos aqui um histórico marcado por dúvidas, inseguranças, receios, confusões ou situações pouco claras. Há algo do passado que se tornou nebuloso ou emocionalmente desgastante.

À direita, na Casa 3, está o Imperador, representando a força racional e o futuro que puxa o carro para frente. O consulente parece desejar construir algo próprio, sólido e estruturado. Há um forte impulso de autonomia, autoria e comando da própria vida. O contraste entre Lua e Imperador é revelador: o carro está saindo de um território de incertezas e sendo tracionado em direção à construção de uma estrutura mais firme e pessoal.

Na Casa 4, a mão esquerda do Auriga é ocupada pela Imperatriz. Esta é uma das grandes forças do jogo. A Imperatriz sugere criatividade, recursos, inteligência prática, capacidade de expressão e fertilidade de ideias. Mesmo quando a insegurança se manifesta, o consulente possui talentos e habilidades capazes de sustentar seu avanço. Sua autoestima talvez oscile, mas os recursos para criar algo novo estão presentes.

Na Casa 5, a mão direita é representada pelo Eremita. Mais do que indicar lentidão ou dificuldade de ação, essa carta sugere uma ferramenta específica para lidar com a situação: experiência, prudência e maturidade. O Eremita não age rapidamente, porque não precisa. Ele ilumina poucos passos de cada vez, mas o faz com segurança. Assim, a principal ferramenta racional do consulente neste momento não parece ser a velocidade, mas a capacidade de refletir, avaliar e construir gradualmente.

O Horizonte, na Casa 7, apresenta a Papisa. O futuro não se mostra como algo imediatamente visível ou totalmente definido. A Papisa sugere um período de estudo, observação, preparação e gestação de possibilidades. Algo novo está sendo elaborado, mas ainda não chegou o momento de sua plena manifestação. O horizonte pede paciência e confiança nos processos invisíveis que estão em curso.

Por fim, a Âncora do jogo é o Papa. Esta carta oferece o principal conselho da leitura e deve orientar a interpretação das demais posições. O Papa indica a importância do aprendizado, da orientação, da troca de saberes e da construção de pontes com pessoas, instituições e tradições. O consulente não precisa trilhar esse caminho sozinho. Buscar mestres, conselhos, formação ou apoio especializado pode ser decisivo neste momento.

Observando o jogo como um todo, percebe-se uma clara narrativa: o consulente deixa para trás um ciclo marcado por inseguranças e desgastes emocionais, mas é impulsionado por um forte desejo de construir algo mais sólido, próprio e significativo. Possui recursos criativos abundantes e maturidade suficiente para enfrentar a travessia. O caminho, entretanto, não sugere pressa. A transformação já começou, apesar de seus frutos ainda estarem em fase de elaboração.

Ao consulente, eu resumi dizendo: você não parece estar diante de um salto no escuro, mas diante de um processo de reconstrução. Confie mais na experiência que acumulou ao longo da estrada. Estude, aprofunde-se, aceite orientações quando necessário, mas sobretudo reconheça que o ciclo encerrado não foi perdido. Ele é justamente a base sobre a qual o próximo caminho será construído.

NA ESTRADA

Se há algo que o Arcano VII me ensinou, é que não basta compreender o movimento, é preciso, ainda que simbolicamente, mover-se. E que é nesse mover-se que a compreensão tem mais potência.

O carro, no fundo, é um dispositivo feito para transporte, para a condução da alma na estrada que chamamos Des-tino. Mas este caminho apenas se revela a quem não permanece imóvel.

Ao longo das linhas deste é-livro, apresentei um conceito e uma estrutura possíveis, uma forma de organizar forças, de enxergar vetores que, de todo modo, já estão em operação na vida de quem consulta o tarot. Percebo que esta tiragem pode auxiliar a reconhecer esses vetores em jogo. Mas que o leitor sempre lembre: nenhuma tiragem, por mais bem construída que seja, substitui o gesto de assumir as rédeas e o risco de conduzi-las.

Este jogo é um instrumento. O movimento, porém, é seu. Talvez, ao dispor as cartas, algo se alinhe. Talvez não. Talvez o caminho se mostre claro; talvez se embaralhe e se reconfigure nas encruzilhadas que no destino há.

Mas seja qual for o caminho que você tome, lembre-se que sempre haverá uma exigência silenciosa: a de conduzir seu próprio calhambeque pela estrada da vida.



REFERÊNCIAS E CAMINHOS

BERTI, Giordano. Storia dei Tarocchi: Verità e leggende sulle carte più misteriose del mondo. Torino: Rinascimento – Italian Style Arte, 2023.

FLORNOY, Jean-Claude. Le Pèlerinage des Bateleurs. Éditions Letarot.com, 2023.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

NASCENTES, Antenor. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa.

SOARES, Julio. Tarô: Arqueologia do Símbolo – História, significados e prática oracular. Belo Horizonte: Palimpsestus, 2025.

UNGER, Tchalai. El Tarot, la respuesta del futuro. Barcelona: Ediciones Obelisco, 1991.

WIRTH, Oswald. El Tarot de los imagineros de la Edad Media. Barcelona: Teorema S.A., 1986.

DETALHES DE TAROTS MOSTRADOS:

FLORNOY, Jean-Claude (rest.). Tarot Jean Noblet (c. 1650). Saint-Suzanne, 2014.

GODO, Carlos. O tarô de Marselha. São Paulo: Pensamento, 1989.

REYNAUD, Yves (reprod.). Tarot Philippe Vachier (1639). Marselha, 2024.

STRAMBO, Francesco. Tarocco Piemontese. Varallo, final do século XIX. Reprodução: Il Meneghello Edizioni, Milano, 2022.

QUEM SOU EU

Sou o Wesley Vidal da Luz, um Tarosófilo, um cartomante e estudioso de oráculos, especialmente o tarô.

Convido você a me seguir nas redes sociais:

@tarosofilo

E, caso experimente jogar com “O Calhambeque”, e caso queira partilhar os resultados e possíveis feedbacks, estou à disposição, é só entrar em contato.



Tarosófilo

@tarosofilo

www.tarosofilo.com.br

© 2026 Wesley Vidal da Luz
Primeira edição digital
Texto, método, concepção,
projeto gráfico, revisão &
ilustrações: Wesley Vidal da Luz.
Todos os direitos reservados.

